

o olha na sala do cidadão Alexandre Farto, especialmente as gerações mais novas que gostam do *instagram* e nunca ouviram a canção dos passos. Neste tempo ameaçado por vírus vários, entre eles o da desigualdade, o do autoritarismo e o do medo que comprometem a liberdade e a democracia, o gesto de memória e de proximidade de Vhills foi a melhor homenagem de Abril que este tempo aprisionado nos poderia trazer.

VANITAS É NOME DE MONTRA

Dia 9: 26.04.2020

Mais um dia de chumbo. Desde que começou este tempo de isolamento, todos os dias arrastam consigo pesadas nuvens de chuva. O coronavírus sequestrou a primavera.

Decidi ir até ao centro da cidade onde já não vou há mais de dois meses. Preciso de caminhar, de respirar, de sentir o perfume das tília da avenida. Será que ainda têm perfume, as tília da avenida? Preciso de ver as ruas, rostos de gente, um qualquer sinal de vida, a bem da minha saúde mental.

O que encontro é uma cidade fantasma, as ruas desertas, escorrendo solidão. Uma ou outra pessoa que se afasta, ao longe. Bandos de pombas tomaram conta dos jardins e dos espaços públicos, quase tenho de me desviar delas. Os sinos da basílica dos Congregados calaram-se. Emudeceram. Assim como os sinos da igreja de S. Victor. Há um

silêncio pesado no ar, abafado, um silêncio de aço onde se ouve o metálico escorrer das horas e o arrastar das nuvens.

Ao passar pela montra da Queijaria Central, invade-me uma sensação de estranheza. Tenho a impressão de que os ponteiros do tempo pararam. Que o relógio do tempo avariou, talvez porque os sinos se calaram. Amêndoas de várias cores, texturas e coberturas repousam no fundo das taças de vidro, amêndoas confeitadas, caramelizadas, de licor, de chocolate ou de canela, amêndoas moles, torradas, de ouro ou de prata, belgas, francesas, amêndoas para todos os gostos. Caixas de bombons de vários formatos com lacinhos dourados, coelhinhos e ovos de chocolate alinhados por tamanhos nas prateleiras, embrulhados em papéis metálicos coloridos e espalhados pelo chão, continuam à espera de bocas que não se abrem. Todo um mundo doce, saído de uma tela de Josefa de Óbidos, é agora a imagem de uma Páscoa que não houve. E no engano temporal que exhibe ao olho de quem passa há qualquer coisa de esquecimento, de envelhecimento ou de grotesco. Uma vaga sombra de morte. A mercadoria tornou-se símbolo. Alegoria. Uma obra de arte. A montra da Queijaria Central é uma «*Vanitas*» barroca, um *still-life* dizendo por imagens a efemeridade da vida e da vaidade, o quanto são passageiras as coisas terrestres. Só falta uma ampulheta perdida

algures na composição da montra, uma discreta caveira pousada numa caixa de bombons ou um fio ténue de fumo a esvaír-se do pavio de uma vela para o sermão visual ser completo. Enquanto experiência espacial contemporânea, a montra da Queijaria Central é uma instalação perturbadora.

Dói-me a cidade. As suas ruas sem gente dentro. As montras que ninguém olha. As tílias sem perfume da avenida. O desamparo do coreto. Doem-me as cadeiras amontoadas, alinhadas junto às paredes do exterior, na Brasileira como se o coração da cidade tivesse parado. A dor é tão intensa que não consigo avançar mais. Não consigo olhar mais. Retomo o caminho de casa.

Um homem está sentado num cobertor, à entrada de uma loja vazia, olhando a rua sem palavras. Tem os olhos baços, a cara de quem sofre. A cara de quem deixou de entender o mundo. Olho o sem-abrigo e escuto as palavras de Michelle Bachelet, a ex-presidente do Chile, que esta manhã encontrei na *Visão*. A alta-comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos sublinha que a pandemia da Covid-19 expôs as maiores vulnerabilidades das nossas sociedades. Os milhões de pessoas que correm maior risco são aqueles cujas necessidades ignorámos ou desvalorizámos. «As pessoas mais velhas, sobretudo as que vivem sozinhas em casa ou em lares de acolhimento; pessoas nas prisões

ou em instituições de saúde mental; membros de minorias marginalizadas e negligenciadas; e os pobres, que têm pouco acesso a cuidados médicos, que não têm uma rede de segurança e que, por necessidade, vivem em condições de sobrelotamento e insalubridade. Muitas delas são também migrantes a quem, frequentemente é negado tratamento médico ou proteção social e que já são alvo de estigma e de ódio». Michelle afirma que esta é a hora de agir. É de termos presente, no futuro que globalmente viermos a ser, que «a saúde e a educação, tal como os direitos humanos, ajudam a construir sociedades mais fortes e resilientes».

Atravessam-me o olhar as imagens que nos têm chegado dos Estados Unidos. Os milhões de desempregados; os sem-abrigo na Califórnia a viver em parques de estacionamento; os milhares de mortos sem direito a apoio médico porque cometeram o crime de não ter dinheiro para um seguro de saúde; as valas comuns que jamais imaginámos num país desenvolvido. E as palavras gritantes, revoltantes, escritas num cartaz que vi hoje na televisão onde um anónimo cidadão americano pede que se abandonem «os fracos» em nome da economia. «*Sacrifice the weak. Re-open!*», são as palavras do cartaz.

Olhando a cidade deserta e o deserto humano do outro lado do Atlântico, as únicas palavras que me restam são as de Rieux, o médico de Oran, a ci-

dade sitiada pela peste no livro de Camus: não é de heroísmo que precisamos, «mas de honestidade. É uma ideia que pode fazer-nos rir, mas a única maneira de lutarmos contra a peste é a honestidade».

Este não é «o vírus da China», como pretendem alguns. É o vírus global. E o único meio de lutarmos contra ele é a solidariedade que esquecemos, o respeito pelos outros que perdemos, uma qualquer forma de decência ética que temos de reaprender. A esquecida doçura de que uma vitrine da cidade nos lembra.